

Variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito na escrita escolar **Variation *nós* and *a gente* at subject position in the scholar written**

Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória*

RESUMO: Tendo em vista que, na fala, *a gente* é a forma pronominal preferida para representar a primeira pessoa do plural, mas, na escrita, devido ao conservadorismo linguístico, *nós* é o pronome selecionado, descrevemos e analisamos as realizações dos pronomes *nós* e *a gente* na posição de sujeito na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió/AL. Para tanto, seguimos os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 2008[1972]), associados a estudos linguísticos sobre a representação da primeira pessoa do plural no português brasileiro (OMENA, 1996; 2003; LOPES, 1998; 2004; 2012; ZILLES, 2007; SILVA, 2010; BRUSTOLIN, 2010) e utilizamos, para a análise estatística dos dados, o programa computacional GOLDFARB X. De acordo com os resultados obtidos, verificamos que, na escrita escolar, o pronome *nós* apresenta um percentual maior de realização – 86% contra apenas 14% do pronome *a gente*, sendo essa variação condicionada pelos grupos de fatores paralelismo formal, marca morfêmica, preenchimento do sujeito, escolaridade, sexo e tema da produção textual.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística. Pronome pessoal. Escrita escolar.

ABSTRACT: Given that, in the speech, *a gente* is the preferred pronominal form to present the first person plural, but in the written form, due the linguistic conservatism, *nós* is the selected pronoun, we describe and analyse the achievement of pronouns *nós* and *a gente* at subject position in the writing of fundamental and high school students at the City of Maceió. For this propose, we follow the theoretical-methodological assumptions of the Theory of Variation and Change (LABOV, 2008 [1972]), associated to linguistics studies on the representation of first person plural in the Brazilian Portuguese (OMENA, 1996; 2003; LOPES, 1998; 2004; 2012; ZILLES, 2007; SILVA, 2010; BRUSTOLIN, 2010) and we use, for statistical analysis of data, the software GOLDFARB X. According to the obtained results, we verify that, in the scholar writing, the pronoun *nós* presents a large percentual of achievement — 86% against only 14% of the pronoun *a gente*, and that variation is conditioned by variables such as formal parallelism, morphemic mark, subject filling, scholarship, gender and textual production theme.

KEYWORDS: Linguistic variation. Personal pronouns. Scholar writing.

1. Introdução

Partindo do pressuposto de que a língua é dotada de uma heterogeneidade ordenada, o que significa considerar que a variação linguística é uma propriedade inerente à língua e que fatores linguísticos e extralinguísticos condicionam o seu uso, mostrando que há diferenças linguísticas entre as normas estabelecidas pelas gramáticas tradicionais e os reais usos da língua,

* Universidade Federal de Alagoas (UFAL) – Campus Sertão.

descrevemos e analisamos as realizações dos pronomes *nós* e *a gente* na posição de sujeito na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió/AL.

Nosso objetivo é não só analisar a frequência de uso e os grupos de fatores que favorecem e desfavorecem as realizações desses pronomes na escrita escolar, mas também verificar se as realizações encontradas em dados de fala são utilizadas durante o processo de escolarização e, ao mesmo tempo, refletir sobre a forma como a língua escrita tende a inibir a realização de variantes linguísticas consagradas pelo uso.

Para tanto, recorreremos aos pressupostos teórico-metodológicos básicos da Sociolinguística Variacionista (Cf. LABOV, 2008 [1972]), que põem em destaque a variação como um axioma e tratam da variação e da mudança linguística, contemplando os usos variáveis da linguagem em seu contexto social. Também consideramos os estudos de Omena (1996, 2003), Lopes (1998, 2004, 2012), Zilles (2007), Silva (2010) e Brustolin (2010) que mostram que, no português brasileiro, *a gente* é a forma pronominal selecionada na fala, mas, na escrita, devido à pressão normativa, *nós* é o pronome mais utilizado.

Para a descrição e análise dos dados, realizamos uma análise quantitativa com o intuito de responder as seguintes questões: há a variação das formas pronominais *nós* e *a gente* na posição de sujeito na língua escrita analisada? Supondo que haja variação, qual a frequência de uso desses pronomes e quais os grupos de fatores que condicionam tal variação? Qual o papel da língua escrita na recuperação e manutenção do pronome *nós*, tendo em vista que, na língua falada, *a gente* é a forma pronominal preferida?

Nossas hipóteses básicas são de que há variação *nós* e *a gente*, com o pronome *nós* apresentando um percentual maior de realização, mostrando, assim, que as normas convencionais da escrita reprimem as inovações da fala, com a escolarização exercendo um papel preponderante na frequência de uso de *nós* e que tal variação é condicionada pelas variáveis preenchimento do sujeito, marca morfêmica, paralelismo formal, traço do referente, tempo verbal, saliência fônica, escolaridade, sexo e tema da produção textual.

Nosso trabalho está organizado da seguinte forma: na próxima seção, apresentamos os trabalhos que serviram de base para o desenvolvimento deste estudo, em seguida, caracterizamos os dados analisados e a amostra utilizada nesta pesquisa, por fim, descrevemos e analisamos os resultados obtidos, mostrando, primeiramente, os dados alcançados para a variável dependente *nós* e *a gente* na escrita escolar e, em seguida, os grupos de fatores selecionados pelo GOLDVARB X como estatisticamente significativos neste estudo.

2. A variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito

O quadro tradicional de pronomes pessoais apresentado na maior parte das gramáticas brasileiras e na maioria dos livros didáticos que servem de modelo para o ensino de língua portuguesa nas escolas elege apenas o pronome reto *nós* e os pronomes oblíquos *nos* e *conosco* para a referência à primeira pessoa do plural, aparecendo a forma pronominal *a gente* e suas variantes, consagradas pelo uso linguístico, em notas de rodapé ou em comentários adicionais, relacionadas sempre ao uso da língua falada ou ao uso da linguagem coloquial.

No entanto, a implementação de *a gente* no quadro pronominal do português brasileiro, de acordo com Lopes (1999; 2002; 2004) e Omena (1996; 2003), iniciou-se entre os séculos XVII e XVIII e originou-se da forma nominal *gente*, que, ao passar por um processo de gramaticalização do nome *gente* para o pronome *a gente*, perde, com o passar do tempo, o traço formal de número, perde o traço formal de gênero [+ feminino], passando a se relacionar a adjetivos no masculino ou feminino e ganha o traço [+ pessoa].

Encaixada no sistema linguístico, *a gente* varia com *nós* para a referência à primeira pessoa do plural tanto na posição de sujeito quanto nas posições de complemento e adjunto. Em relação à variação na função de sujeito, estudos sociolinguísticos (OMENA, 2003; LOPES, 1998, 2004; FERNANDES, 2004; ZILLES, 2007) mostram que, na língua falada, *a gente* é a variante preferida, chegando a atingir, segundo Lopes (2012), um percentual de 79% em João Pessoa, 71% em Vitória e 70% em Porto Alegre, conforme gráfico abaixo.

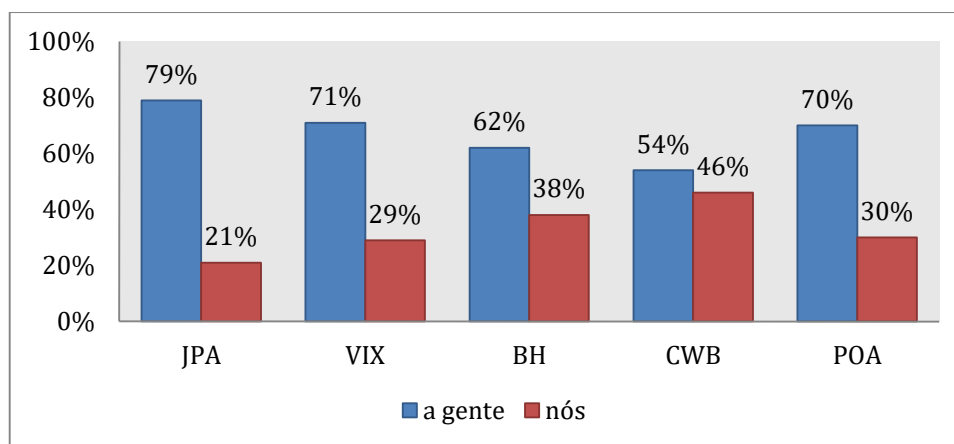


Gráfico 1. Realizações de *nós* e *a gente* entre falantes cultos e não-cultos
Fonte: Adaptado de Lopes (2012, p. 132)

Quanto aos fatores linguísticos e sociais que favorecem e desfavorecem as realizações dessas variantes, esses estudos mostram que a forma inovadora *a gente* é mais frequente quando

há menor diferença fônica entre as formas verbais, quando o traço do referente é [+ determinado], em formas verbais menos marcadas, quando o verbo se encontra na terceira pessoa do singular, entre os falantes do sexo feminino, menos escolarizados e nas faixas etárias mais jovens, configurando-se, assim, um mudança em progresso.

Na língua escrita, por sua vez, devido à pressão normativa, *nós* é a forma pronominal selecionada, mas já é possível encontrar a realização do pronome *a gente* nessa modalidade de uso da língua. Silva (2010), ao analisar as realizações de *nós* e *a gente* na posição de sujeito em textos orais e escritos do português culto do Rio de Janeiro, apresenta um percentual de 63% de *a gente* versus 37% de *nós* na língua falada, mas, na língua escrita, a forma pronominal *a gente* apresenta apenas um percentual de 13% versus 87% de *nós*.

Santos, Costa e Silva (2011), ao analisarem as realizações dos pronomes *nós* e *a gente* na escrita de estudantes universitários, mostram que *nós* é a forma pronominal preferida nos dados analisados, com *a gente* apresentando apenas um percentual de 10%. As autoras não só ressaltam que, mesmo não havendo, no ambiente escolar, uma reflexão sobre a língua em uso, o pronome *a gente* já começa ocorrer efetivamente na escrita, como também mostram a relevância da variável marca morfêmica na variação em estudo, com *a gente* pronominal sendo mais frequente com o verbo na terceira pessoa do singular – morfema zero.

Na escrita escolar, Brustolin (2010) mostra que, entre os alunos do ensino fundamental, a variante inovadora *a gente* apresenta um percentual de 14% versus 86% da variante padrão *nós*. Ao passo que, na fala desses alunos, o pronome *a gente* ocorre com um percentual de 65% versus 35% de *nós* pronominal, mostrando, assim, que, na língua escrita, *nós* é a variante selecionada. A autora também mostra a relevância dos grupos de fatores marca morfêmica, preenchimento do sujeito, paralelismo formal, saliência fônica, sexo e série.

É a partir desses estudos que analisaremos as realizações das formas pronominais *nós* e *a gente* na posição de sujeito na escrita escolar. Para tanto, partimos do pressuposto de que encontraremos maior frequência da forma conservadora *nós*, tendo em vista o papel da escola de propagadora da norma padrão. No entanto, acreditamos que tal uso não deverá ser categórico, por haver interferência da fala na escrita dos alunos.

3. Procedimentos metodológicos

O que propomos, neste estudo, é analisar a realização das formas pronominais *nós* e *a gente* na posição de sujeito na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de

Maceió/AL, como podemos observar nos exemplos abaixo. Nosso intuito é não só observar como esses pronomes se comportam nessa modalidade de uso da língua, mas também buscar evidências da implementação, na escrita, de mudanças observadas na fala.

(1) Eu não fui. Ele me chamou para jogar vídeo game no quarto dele. *Nós* jogamos futebol e eu ganhei todas. (EFM)

(2) A bula deveria ser com letras maiores mais fácil e deveria ser na língua que todos entendessem. *A gente* precisa da bula com mais explicações. (EFF)

Para a descrição e análise dos dados, utilizamos uma amostra composta por 120 produções textuais coletadas em uma escola pública localizada na cidade de Maceió/AL no ano de 2007. Os textos foram produzidos por 30 alunos do ensino fundamental – EF, 15 meninos e 15 meninas, e 30 alunos do ensino médio – EM, 15 meninos e 15 meninas. Cada aluno produziu dois textos que versavam sobre temas relacionados a experiências pessoais dos alunos e temas não relacionados a tais experiências (Cf. VITÓRIO, 2008).

Para a análise estatística dos dados, utilizamos o programa computacional GOLDVARB X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) e controlamos, além da variável dependente *nós* e *a gente* na posição de sujeito, os seguintes grupos de fatores, a saber, preenchimento do sujeito, marca morfêmica, paralelismo formal, traço do referente, tempo verbal, saliência fônica, escolaridade, sexo e tema da produção textual.

Nossa hipótese é a de que *nós* será a forma pronominal selecionada para representar a primeira pessoa do plural na escrita analisada, mas também haverá a implementação de *a gente*, sendo suas realizações condicionadas pelos seguintes contextos, a saber, sujeito preenchido, verbo na terceira pessoal do singular, *a gente* antecedido por *a gente*, verbos no presente e pretérito imperfeito, menos saliência fônica, referência com traço genérico, ensino fundamental, sexo feminino e tema relacionado a experiências pessoais dos alunos.

4. Resultados, análises e discussões

4.1 Variável dependente

Após a análise dos dados, obtivemos um total de 242 realizações das formas pronominais *nós* e *a gente*, que estão distribuídas da seguinte forma: 208 realizações do pronome *nós* e 34

realizações do pronome *a gente*. Esses resultados não só representam percentuais de 86% de *nós* contra apenas 14% de *a gente*, conforme expomos no gráfico 2, como também indicam que estamos diante de uma mudança na fala que causa efeitos na escrita, fazendo emergir, na escrita escolar, uma variante consagrada pelo uso linguístico.

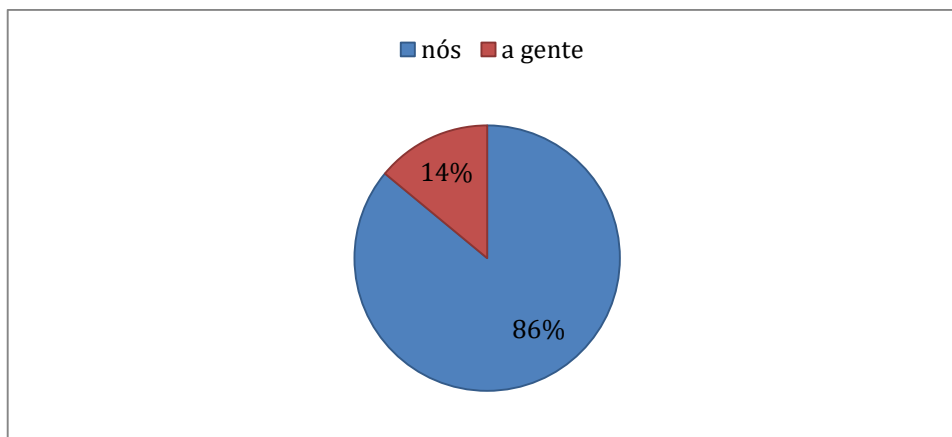


Gráfico 2. Percentuais de *nós* e *a gente* na escrita escolar

A baixa frequência de *a gente* na escrita escolar pode estar relacionada à pressão normativa em favor de uma norma padrão, tendo em vista que a maioria dos manuais que orienta o ensino de língua na escola adota o quadro dos pronomes pessoais vigente nas gramáticas tradicionais, excluindo o *a gente* pronominal. Lopes (2012) mostra que, tanto no nível fundamental quanto no nível médio, as obras didáticas quando fazem menção ao uso de *a gente* pronominal o fazem através de informações adicionais, considerando-o como uma forma linguística pertencente à língua falada ou à linguagem coloquial.

Tendo em vista esses dados e essas considerações, resta-nos verificar que grupos de fatores controlados neste estudo condicionam tal variação e quais contextos linguísticos e extralinguísticos favorecem as poucas realizações de *a gente* na escrita analisada. De acordo com o GOLDVARB X, seis das nove variáveis independentes analisadas foram selecionadas como estatisticamente significativas na variação em estudo, a saber, paralelismo formal, marca morfêmica, preenchimento do sujeito, escolaridade, sexo e tema da produção textual.

4.2 Paralelismo formal

O primeiro grupo de fatores estatisticamente significativo na variação *nós* e *a gente* na escrita escolar foi o paralelismo formal. Entendido como a tendência de o falante repetir uma

mesma forma em uma sequência discursiva (OMENA, 1996, 2003), consideramos essa variável com o intuito de analisar se, na escrita escolar, a preferência por determinada forma pronominal exerce influência sobre as demais formas numa dada sequência discursiva.

Tendo em vista os trabalhos de Lopes (1998), Brustolin (2010) e Vianna e Lopes (2012), a nossa hipótese é a de que o uso de *nós* desencadeará uma série de repetições dessa variante, como observamos em (3), e o uso de *a gente* tenderá a repeti-lo nas proposições subsequentes, constituindo, assim, um contexto favorável à realização de *a gente* nos dados analisados, como observamos em (4), sejam essas realizações nulas ou preenchidas.

(3) *Nós* tentamos mais uma vez, \emptyset imploramos e o \emptyset vencemos pelo cansaço. \emptyset Nos produzimos e \emptyset fomos para festa. \emptyset Chegamos bem, estava muito animado e tinha muito gatinhos. \emptyset Dançamos muito e \emptyset beijamos, é claro. (EMF)

(4) [...] depois do show que acabou era 8:30 *a gente* decidiu ir para uma festa que ia ocorrer em outra cidade quando *a gente* chegou lá \emptyset encontrou outras amigas e amigos e \emptyset começou a bater papo, \emptyset dançou. (EFF)

Tabela 1. Realização de *nós* e *a gente* na variável paralelismo formal

Fatores	PRONOME NÓS			PRONOME A GENTE		
	Aplic. / Total	Perc.	PR	Aplic. / Total	Perc.	PR
Realização isolada	32 / 34	94%	.43	2 / 34	6%	.57
Primeiro da série	54 / 59	91%	.34	5 / 59	9%	.66
Antecedido por <i>nós</i>	121 / 122	99%	.85	1 / 122	1%	.15
Antecedido por <i>a gente</i>	1 / 27	4%	.02	26 / 27	96%	.98

De acordo com os resultados obtidos, verificamos que, tanto para o pronome *nós* quanto para o pronome *a gente*, a escolha da primeira forma pronominal condiciona a realização subsequente, desencadeando, assim, uma série de repetições da mesma forma linguística, o que confirma a hipótese de que a preferência por determinada forma pronominal tende a exercer influência sobre as demais formas numa dada sequência discursiva.

Em relação às poucas realizações do pronome *a gente*, observamos que, do total das 34 realizações, 26 ocorrências foram realizadas quando *a gente* é antecedido por *a gente*, como exemplificamos em (4), apresentando um percentual de 96% e um peso relativo de .98. Esses dados mostram que os alunos ao utilizarem a forma pronominal *a gente* na escrita escolar

tenderam a repeti-la na mesma sequência discursiva, demonstrando que tal contexto linguístico favorece sobremaneira o emprego da variante inovadora nos dados analisados.

Quando a referência à primeira pessoa do plural é antecedida por *nós*, como observamos em (5), a tendência é que haja pouca realização de *a gente*, conforme podemos observar na tabela acima. Nesse contexto, houve uma probabilidade muito baixa dessa forma pronominal, configurando-se, assim, como um ambiente linguístico que menos favorece a realização da variante inovadora. Obtivemos aqui apenas uma realização de *a gente*, apresentando um percentual de 1% de uso e um peso relativo de .15.

(5) Estávamos todos ali, eu, minha prima, minha amiga, minha outra prima e o namorado da minha prima, foi bom *a gente* curtiu encontramos uns amigos conversamos, brincamos, dançamos, resenhamos e comemos e bebemos muito, 4 horas da manhã vimos embora ficamos esperando um taxi mais de 30 minutos depois chegamos em casa lanchamos e depois fomos dormir. (EFF)

Quanto aos outros contextos linguísticos analisados, verificamos duas ocorrências quando *a gente* aparece em realização isolada, como observamos em (6), e cinco ocorrências quando *a gente* é o primeiro da série, como observamos em (7), apresentando, respectivamente, percentuais de 6% e 9%. Em relação aos pesos relativos – .57 para o fator realização isolada e .66 para o fator primeiro da série – observamos que, apesar das poucas realizações de *a gente*, são fatores que tendem a favorecer a ocorrência desse pronome.

(6) foi bem legal que não houve brigas e nem tumultos foi bem calmo o ruim foi que *a gente* esperou a noite toda e a madrugada toda pela a banda. (EFM)

(7) As coisas que *a gente* falamos saem da nossa boca correndo sempre. Mas, às vezes, as palavras vão entrando nas cabeças, vão dando voltas e voltas, vários sentidos e expressões diferentes. Por isso, quando \emptyset falamos, \emptyset temos de tomar cuidado. (EMM)

4.3 Marca morfêmica

O segundo grupo de fatores linguísticos selecionado pelo GOLDVARB X diz respeito à concordância verbal estabelecida com as formas *nós* e *a gente* nos dados analisados. Selecionamos esta variável não só com o intuito de analisar que marcas morfêmicas (*-mos* ou *zero*) tendem a acompanhar essas formas pronominais na escrita analisada, mas também refletir sobre o uso desses pronomes e seu reflexo na variação da concordância verbal.

De acordo com os dados analisados, observamos duas possibilidades de concordância verbal com os pronomes *nós* e *a gente* na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió/AL, a saber, *nós* e *a gente* com verbos na terceira pessoa do singular – P3 (morfema zero), como observamos em (8) e (9), e *nós* e *a gente* com verbos na primeira pessoa do plural – P4 (morfema *-mos*), como observamos em (10) e (11).

(8) Eu estava em uma festa de aniversário onde encontrei todos os meus velhos amigos. Todos estavam lá, foi muito legal, *nós brincou*, *Ø dançou*, todos juntos. (EMM)

(9) Quando *a gente* chegou na festa aconteceu uma briga horrível. (EFF)

(10) *Nós* devemos estudar a língua portuguesa para desenvolver mais a língua. (EFM)

(11) *A gente* continuamos dançando do mesmo jeito. (EFF)

Para a descrição e análise dos dados, não só consideramos os fatores *concordância canônica*, formado por *nós* + P4 e *a gente* + P3, e *concordância não canônica*, formado por *nós* + P3 e *a gente* + P4, como também partimos do pressuposto de que o fator *concordância canônica* será favorável tanto à realização de *nós* quanto à realização de *a gente*, indicando, assim, que a concordância canônica será a forma preferida na escrita escolar.

Tabela 2. Realização de *nós* e *a gente* na variável marca morfêmica

Fatores	PRONOME NÓS			PRONOME A GENTE		
	Aplic. / Total	Perc.	PR	Aplic. / Total	Perc.	PR
Concordância canônica	187 / 198	94%	.80	11 / 198	6%	.20
Concordância não canônica	21 / 44	48%	.02	23 / 44	52%	.98

De acordo com os resultados obtidos, verificamos que das 242 ocorrências de *nós* e *a gente*, obtivemos 198 com a concordância canônica e 44 com a concordância não-canônica, o que confirma a nossa hipótese de que, na escrita escolar, a concordância canônica apresentaria um percentual maior de realização – 82% *versus* 18% para a concordância não-canônica. Também verificamos que a forma pronominal *nós* tende a ser mais frequente com P4 ou morfema *-mos*, apresentando um percentual de 94% e um peso relativo de .80.

Em relação ao uso pronominal de *a gente* nos dados analisados, obtivemos um percentual de 6% para *a gente* + P3 e 52% para *a gente* + P4, evidenciando que, na escrita escolar, as poucas realizações de *a gente* tendem a ocorrer com a marca morfêmica *-mos* ou com o verbo P4. Os pesos relativos obtidos confirmam os resultados percentuais, mostrando que a concordância canônica ou *a gente* + P3 inibe o uso de tal forma pronominal – .20, ao passo que a concordância não-canônica ou *a gente* + P4 favorece sobremaneira tal uso – .98.

Embora estudos sociolinguísticos mostrem que a forma pronominal *a gente* tende a ocorrer com o verbo na terceira pessoa do singular – P3 (LOPES, 1999; VIANNA, 2006), Brustolin (2010), ao analisar as realizações de *nós* e *a gente* na fala e na escrita de alunos do ensino fundamental, verifica que, diferentemente do que ocorre na fala, na escrita, há mais ocorrências de *a gente* com a marca morfêmica *-mos*, ratificando os dados obtidos na tabela acima, o que pode ser entendido como um caso de hipercorreção na escrita escolar.

4.4 Preenchimento do sujeito

O terceiro grupo de fatores linguísticos selecionado diz respeito à expressão plena ou nula do sujeito pronominal. Entendemos por expressão plena quando *nós* e *a gente* são expressos foneticamente na indicação da primeira pessoa do plural e por expressão nula quando tais pronomes são indicados por meio da desinência verbal (*-mos* ou \emptyset), sem que haja foneticamente a realização dessas formas pronominais (Cf. LOPES, 1998, OMENA, 2003).

Consideramos esta variável na análise dos dados não só com o intuito de observar se o preenchimento ou não do sujeito condiciona o uso de *nós* e *a gente* na escrita escolar, mas também com o intuito de verificar o reflexo do uso dessas formas pronominais na variação do preenchimento do sujeito, tendo em vista que estudos linguísticos (DUARTE, 1995; CAVALCANTE, 2001) mostram que o português brasileiro tende a realizar foneticamente o sujeito pronominal.

Nossos pontos de partida para a descrição e análise dos dados são os de que, na escrita escolar, o sujeito nulo apresentará um percentual maior de realização e que o fator expressão plena favorecerá mais a realização da forma pronominal *a gente*, ao passo que o fator expressão nula inibirá tal realização, uma vez que *a gente* pronominal tende a acompanhar o verbo na terceira pessoa do singular – P3, como observamos em (12).

(12) *A gente* precisa da bula com mais explicações. (EFF)

Tabela 3. Realização de *nós* e *a gente* na variável preenchimento do sujeito

Fatores	PRONOME NÓS			PRONOME A GENTE		
	Aplic. / Total	Perc.	PR	Aplic. / Total	Perc.	PR
Expressão plena	19 / 26	73%	.30	7 / 26	27%	.70
Expressão nula	189 / 216	88%	.52	27 / 216	12%	.48

Embora os resultados da variável marca morfêmica apontem que *a gente* foi mais frequente com P4, confirmamos, de acordo com os dados apresentados na tabela 3, que essa variante é mais frequente quando o sujeito é preenchido. Os dados mostram um percentual de 27% para o fator expressão plena *versus* 12% para o fator expressão nula, apresentando, respectivamente, pesos relativos de .70 e .48, o que confirma que a forma pronominal *a gente* tende a ser mais frequente quando há a realização expressa do sujeito pronominal.

Os dados também mostram, conforme esperávamos, que, das 242 realizações das formas pronominais *nós* e *a gente*, 216 apresentaram o sujeito nulo e 26 o sujeito pleno, representando, respectivamente, percentuais de 89% e 11%. Esses dados mostram que, embora haja uma tendência, no português brasileiro, à realização fonética do sujeito, na escrita escolar, é o sujeito nulo a opção preferida, como observamos em (13), o que pode ser entendido como um reflexo da norma padrão na língua escrita.

(13) Eu fui a uma festa muito legal eu revi meus amigos \emptyset *passamos* a noite conversando contando piadas histórias de terror. (EFM)

4.5 Escolaridade

Selecionada como a primeira variável extralinguística relevante na variação em estudo, a variável escolaridade constitui um fator social significativo na manutenção ou exclusão de formas gramaticais, mostrando, assim, que pessoas mais escolarizadas tendem a usar mais as formas padrão, o que nos leva a seguinte correlação: maior escolaridade, maior uso das formas padrão; menor escolaridade, menor uso das formas padrão.

Desse modo, acreditamos que a forma pronominal *a gente*, como observamos em (14), diminuirá o seu percentual de uso à medida que aumenta o nível de escolarização dos alunos, uma vez que a escola tende a agir como preservadora de uma norma padrão. Para tanto, consideramos dois níveis de escolarização na análise e descrição dos dados, a saber, ensino fundamental – EF e ensino médio – EM e obtivemos os seguintes resultados.

(14) Estava no show do saia rodada no Jaraguá foi muito divertido tinha muita gente estava lotado mas foi bem legal que não houve brigas e nem tumultos foi bem calma o ruim foi que *a gente* esperou a noite e a madrugada toda pela banda saia rodada. (EFM)

Tabela 4. Realização de *nós* e *a gente* na variável escolaridade

Fatores	PRONOME NÓS			PRONOME A GENTE		
	Aplic. / Total	Perc.	PR	Aplic. / Total	Perc.	PR
EF	64 / 93	69%	.17	29 / 93	31%	.83
EM	144 / 149	97%	.72	5 / 149	3%	.28

De acordo com os resultados obtidos, confirmamos a nossa hipótese de que o aumento do nível de escolarização dos alunos tende a aumentar o percentual de uso da forma pronominal *nós*, passando de 69% no nível EF para 97% no nível EM, o que nos leva a constatação de que a forma pronominal *a gente* tende a ser mais frequente nos textos dos alunos do EF – 31% contra apenas 3% nos textos dos alunos do EM. Os pesos relativos confirmam os percentuais obtidos, mostrando, assim, que o nível EF tende a favorecer o uso de *a gente* – .83, ao passo que o nível EM tende a desfavorecer tal realização – .28.

Esses resultados mostram que a escolaridade constitui um fator extralinguístico significativo na manutenção de *nós* na escrita escolar, indicando que, no início da escolarização, os alunos transferem mais o seu conhecimento gramatical da fala para a escrita, mas a submissão as regras gramaticais faz com que *a gente* seja pouco frequente nessa modalidade de uso da língua, o que nos leva a argumentar que a pressão normativa em favor de *nós* exerce um papel preponderante na recuperação dessa variante na língua escrita.

4.6 Sexo

A variável sexo foi a segunda variável social apontada pelo GOLDVARB X como relevante na escrita escolar. Em nossa análise, não só partimos do pressuposto de que homens e mulheres diferem quanto aos usos dos padrões linguísticos, como também objetivamos verificar se o pronome *a gente* tende a ser mais frequente no sexo feminino, como podemos observar em (15), uma vez que estamos diante de uma variante não marcada socialmente.

(15) [...] *a gente* decidiu ir para uma festa que ia ocorrer em outra cidade quando *a gente* chegou encontrou outras amigas e amigos. (EFF)

Tabela 5. Realização de *nós* e *a gente* na variável sexo

Fatores	PRONOME NÓS			PRONOME A GENTE		
	Aplic. / Total	Perc.	PR	Aplic. / Total	Perc.	PR
Masculino	82 / 87	94%	.70	5 / 87	6%	.30
Feminino	126 / 155	81%	.38	29 / 155	19%	.62

Em relação às poucas realizações da variante inovadora, verificamos, de acordo com os resultados obtidos, que os falantes do sexo masculino apresentam um percentual de 6% de *a gente*, ao passo que os falantes do sexo feminino apresentam um percentual maior de realização – 19%, mostrando, assim, que são as meninas que tendem a utilizar mais a variante inovadora na escrita escolar. Dado confirmado pelos pesos relativos obtidos para a forma pronominal *a gente* – .62 para o sexo feminino contra .30 para o sexo masculino.

Esses resultados vão na mesma direção dos dados obtidos por Brustolin (2010) para a análise da escrita de alunos do ensino fundamental, que mostram que a forma pronominal *a gente* é mais frequente entre as informantes do sexo feminino. Na língua falada, estudos sociolinguísticos (LOPES, 1998; ZILLES, 2007; VIANNA; LOPES, 2012) também mostram que as mulheres, de modo geral, tendem a utilizar mais o *a gente* pronominal.

4.7 Tema da produção textual

A última variável selecionada pelo GOLDVARB X diz respeito ao tema da produção textual. De acordo com Labov (2003), não existe falante de estilo único, há falantes que possuem um campo de alternância maior do que os outros, porém todos modificam algumas variáveis à medida que muda o contexto social e o tema da conversa. O autor ainda ressalta que temas que relatam experiências vividas pelos informantes tendem a apresentar um discurso mais livre e espontâneo, favorecendo, assim, o uso de variantes inovadoras.

Para descrição e análise dos dados, dividimos a variável tema da produção textual em dois fatores, a saber, temas relacionados a experiências pessoais dos alunos, como observamos em (16), e temas não relacionados a tais experiências, como observamos em (17), e partimos do pressuposto de que a forma pronominal *a gente* será mais favorecida nas produções textuais que relatam experiências vividas pelos alunos, como observamos em (18).

(16) Eu fui para uma festa de formatura, lá eu encontrei vários amigos e *nós* ficamos conversando um tempão, depois *nós* fomos beber e dançar. (EMM)

(17) É com o estudo da língua portuguesa, tanto falada quanto escrita, que \emptyset nos

comunicamos com as pessoas, *Ø* escrevemos cartas, *Ø* ampliamos nosso conhecimento e *Ø* aumentamos nosso vocabulário. (EFF)

(18) Eu fui para a porta da casa de show e depois minha irmã chegou. *A gente* ficou lá esperando até a hora da entrada, já era noite, mas *a gente* ficou lá. (EFM)

Tabela 6. Realização de *nós* e *a gente* na variável tema da produção textual

Fatores	PRONOME NÓS			PRONOME A GENTE		
	Aplic. / Total	Perc.	PR	Aplic. / Total	Perc.	PR
Experiências pessoais	122 / 153	80%	.32	31 / 153	20%	.68
Experiências não pessoais	86 / 89	97%	.77	3 / 89	3%	.23

De acordo com os resultados obtidos, confirmamos a nossa hipótese de que *a gente* tende a ser mais frequente nas produções textuais que relatam experiências pessoais dos alunos, apresentando um percentual de 20% *versus* 3% quando o tema não se refere a tais experiências. Os pesos relativos reafirmam os resultados percentuais, mostrando que o fator experiências pessoais favorece a realização de *a gente* pronominal, com peso relativo de .68, ao passo que o fator experiências não pessoais desfavorece, com peso relativo de .23.

Embora os textos tenham sido produzidos por alunos mediante certo grau de atenção à escrita, tendo em vista o contexto escolar, esses resultados fornecem evidências de que temas relacionados às experiências pessoais dos alunos apresentam um menor monitoramento, favorecendo mais *a gente* pronominal, ao passo que em temas que não se referem a tais experiências, há um monitoramento maior, favorecendo mais o pronome *nós*, o que corrobora a hipótese de Labov (2008 [1972]) de que temas que relatam experiências vividas pelos informantes tendem a favorecer o uso de variantes inovadoras, uma vez que os informantes ficam tão envolvidos com *o que* relatam e prestam o mínimo de atenção ao *como* relatam.

5. Conclusão

Seguindo os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança (Cf. LABOV, 2008 [1972]), focalizamos, neste trabalho, o uso variável dos pronomes *nós* e *a gente* na posição de sujeito na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió, com o intuito de analisar a frequência de uso dessas formas pronominais e os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam tais realizações.

De acordo com os resultados obtidos, verificamos um percentual de 86% de *nós* contra apenas 14% de *a gente* na escrita escolar, o que revela que a pressão normativa em favor da variante conservadora *nós* recupera com êxito uma forma linguística não preferida na língua falada, sendo tal variação condicionada pelos grupos de fatores paralelismo formal, marca morfêmica, preenchimento do sujeito, escolaridade, sexo e tema da produção textual.

Em relação às poucas realizações de *a gente* pronominal, verificamos que seu uso é condicionado pelos fatores *a gente* antecedido por *a gente*, *a gente* acompanhado do verbo na primeira pessoa do plural – P4, quando o sujeito pronominal é foneticamente realizado, na escrita de alunos do ensino fundamental, entre os falantes do sexo feminino e nas produções textuais que relatam experiências pessoais dos alunos.

Referências

BRUSTOLIN, A. Uso e variação de *nós* e *a gente* na fala e escrita de alunos do ensino fundamental. In: **Anais do IX Encontro do CELSUL**. Santa Catarina, 2010.

CAVALCANTE, A. **O sujeito pronominal em Alagoas e no Rio de Janeiro: um caso de mudança em progresso**. (Tese de Doutorado). PPGLL/UFAL, 2001.

DUARTE, E. **A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro**. (Tese de Doutorado). Unicamp, 1995.

FERNANDES, E. Fenômeno variável: *nós* e *a gente*. In: HORA, D. (Org.). **Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade**. João Pessoa, 2004.

LABOV, W. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C.; TUCKER, R. (Org.). **Sociolinguistics: the essential readings**. Oxford: Blackwell, p. 235- 250, 2003.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LOPES, C. **Nós e a gente no português falado culto do Brasil**. DELTA, v. 14, n. 2, 1998.

LOPES, C. **A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico**. (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

LOPES, C. De *gente* para *a gente*: o século XIX como fase de transição. IN: ALKIMIN, T. (Org.). **Para a história do português brasileiro**. Vol. III, São Paulo: FLP/USP, 2002.

LOPES, C. **A gramaticalização de a gente em português em tempos real de longa e curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos**. Fórum Linguístico, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 47-80, 2004.

LOPES, C. O quadro dos pronomes pessoais: descompasso entre pesquisa e ensino. **Revista Matraga**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 30, jan./jun. 2012.

OMENA, N. A referencia à primeira pessoa do discurso no plural. In: OLIVEIRA e SILVA, M.; SCHERRE, M. (orgs). **Padrões sociolinguísticos**: estudos de fenômenos variáveis do português falado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 1996.

OMENA, N. A referencia à primeira pessoa do discurso no plural. In: PAIVA, M.; DUARTE, E. (Orgs.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. **Goldvarb X**: a variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SANTOS, N.; COSTA, E.; SILVA, F. O uso de “nós” e “a gente” na escrita de estudantes universitários. **Anais do V Forum Identidades e Alteridades**. UFS, Itabaiana, 2011.

SILVA, C. A variação *nós* e *a gente* no português carioca. **Revista do Gelne**, v. 12, n.1, p. 67-74, 2010.

VIANNA, J. **A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca**. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2006.

VIANNA, J.; LOPES, C.. A variação entre *nós* e *a gente*: uma comparação entre o português europeu e o brasileiro. **Revista do GELNE**, v. 14, p. 95-116, 2012.

VITÓRIO, E. **Ter/haver existenciais na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió/AL**. 2008. Dissertação (Mestrado Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, 2008.

ZILLES, A. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de *a gente*? **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 27-44, jun. 2007.

Artigo recebido em: 28.08.2015

Artigo aprovado em: 23.12.2015